

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo
(Organizador)

A Psicologia
Frente ao Contexto Contemporâneo

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] /
Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-016-2

DOI 10.22533/at.ed.162181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MULHER E TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR DO JÁ-DITO ESTEREOTIPADO	
<i>Rosângela Rocio Jarros Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819121	
CAPÍTULO 2	15
PSICOLOGIA, PODER E SEXUALIDADE: A FIGURA CONTEMPORÂNEA DO INTERSEX E AS NOVAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Jônatas Mota Leitão</i>	
<i>Luiza Maria Silva de Freitas</i>	
<i>Paulo Germano Barrozo de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819122	
CAPÍTULO 3	30
POVOS ORIGINÁRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL: A QUESTÃO DA TERRA	
<i>André Valécio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819123	
CAPÍTULO 4	42
IDENTIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS SÍNTESES DIALÉTICAS	
<i>João Pedro Vilar Nowak de Lima</i>	
<i>Jeferson Renato Montreozol</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819124	
CAPÍTULO 5	54
O SABER PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE EM CONSIDERAR INTERSECCIONALIDADES	
<i>Isadora Oliveira Rocha</i>	
<i>Gláucia Ribeiro Starling Diniz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819125	
CAPÍTULO 6	68
DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN	
<i>Barbara Maria Turci</i>	
<i>Eliane Regina Pereira</i>	
<i>Emerson Fernando Rasera</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819126	
CAPÍTULO 7	80
ENTRE TELAS E CENAS DA RUA: A MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENCONTRO COM VIDAS OUTRAS NAS CIDADES	
<i>Allan Henrique Gomes</i>	
<i>Orlando Afonso Camutue Gunlanda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819127	
CAPÍTULO 8	95
O QUE PODE O CORPO EM CENA NA CIDADE?	
<i>Antônio Vladimir Félix-Silva</i>	
<i>Cássio Marques Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819128	

CAPÍTULO 9 109

ENTRE O PROTAGONISMO JUVENIL E A TUTELA DA JUVENTUDE: POSSIBILIDADES DA PARTICIPAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA

Lara Brum de Calais

Juliana Perucchi

DOI 10.22533/at.ed.1621819129

CAPÍTULO 10 125

MEMÓRIA E MILITÂNCIA FEMINISTA NO ENFRENTAMENTO DA HUMILHAÇÃO SOCIAL

Mariana Luciano Afonso

DOI 10.22533/at.ed.16218191210

CAPÍTULO 11 130

ENFRENTAMENTOS, RESISTÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

Renata Câmara Spinelli

DOI 10.22533/at.ed.16218191211

CAPÍTULO 12 147

RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS: O ESPAÇO DA LIBERDADE PARA DIZER A PALAVRA

Erlândia Silva Pereira

Maristela de Souza Pereira

Rogério de Melo Costa Pinto

Helena Borges Martins da Silva Paro

DOI 10.22533/at.ed.16218191212

CAPÍTULO 13 162

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS

Erik Cunha de Oliveira

Saulo Santos Menezes de Almeida

Juliana Souza Vaz Ribeiro

Alexsandro de São Pedro Santiago

DOI 10.22533/at.ed.16218191213

CAPÍTULO 14 171

DA PATOLOGIZAÇÃO AO DIREITO À SAÚDE DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM DOCUMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Roberta Cristina Gobbi Baccarim

Grazielle Tagliamento

DOI 10.22533/at.ed.16218191214

CAPÍTULO 15 186

CAPTURA E REGULAÇÃO: INVESTIMENTOS BIOPOLÍTICOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS

Júlia Arruda da Fonseca Palmiere

Anita Guazzelli Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.16218191215

CAPÍTULO 16 196

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

Hudson Henrique de Oliveira Masferrer

Emerson Fernando Rasera

DOI 10.22533/at.ed.16218191216

SOBRE O ORGANIZADOR 210

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

Hudson Henrique de Oliveira Masferrer

Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia – Minas Gerais

Emerson Fernando Raserá

Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia.

Uberlândia- Minas Gerais

RESUMO: No Brasil, a família homoparental tem a cada dia saído do lugar de invisibilidade questionando os modelos cristalizados tanto de família quanto de parentalidade. Os livros de literatura infantil são artefatos culturais que atuam no processo de educação e constituição dos modelos de ser família, pai/mãe, homem/mulher, gay/lésbica. Este trabalho tem como objetivo analisar como um livro infantil, *Tenho dois papais*, constrói discursos sobre a diversidade sexual e a homoparentalidade, bem como problematizar os efeitos identitários decorrentes da produção de tais discursos. O texto ainda discute a presença da escola e os desdobramentos do cotidiano escolar na família homoparental representada no livro. Ele foi analisado a partir de aproximações com a perspectiva pós-estruturalista. Conforme nossa análise, compreendemos que o livro apresenta importantes questionamentos para instituições tão naturalizadas em nossa sociedade como a

família e a parentalidade. No entanto, é comum na obra a utilização de mecanismos sutis que apontam para a criação de um modelo de família gay, ou seja, o livro com seu enredo, dramas, personagens e discursos também apresenta marcas de um viés higienista e normalizador.

PALAVRAS-CHAVE: homoparentalidade; literatura infantil; escola.

ABSTRACT: In Brazil, the homoparental family has every day left the place of invisibility questioning the crystallized models of both family and parenting. Children's literature books are cultural artifacts that act in the process of education and constitution of the models of being family, father / mother, man / woman, gay / lesbian. This work aims to analyze how a children's book, *I have two papal*, builds discourses on sexual diversity and homoparentality, as well as problematizing the identity effects resulting from the production of such discourses. The text still discusses the presence of the school and the unfolding of school everyday in the homoparental family represented in the book. It was analyzed from approaches with the poststructuralist perspective. According to our analysis, we understand that the book presents important questions for institutions as naturalized in our society as family and parenting. However, it is

common in the work to use subtle mechanisms that point to the creation of a gay family model, that is, the book with its plot, dramas, characters and speeches also shows signs of a hygienist and normalizing bias.

KEYWORDS: homoparentality; children's literature; school

1 | A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

A compreensão acerca dos conceitos de família e sexualidade é social e historicamente engendradora, por esse motivo traz consigo os desdobramentos dos processos políticos, sociais e culturais. Jurado (2013) observa que a diversidade de arranjos familiares existentes na contemporaneidade tem como consequência amplo debate no que diz respeito à tarefa de conceituar o que é família.

A partir das discussões sobre os conceitos de família e sexualidade, a homossexualidade aparece como um tema que tem gerado tensões e novos discursos. É uma das problematizações mais recorrentes acarretada pela homossexualidade diz respeito ao conceito da família tradicional (SANTOS; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013).

Apesar de a família nuclear, monogâmica, heterossexual, burguesa com finalidade procriativa ser a mais difundida não significa que ela é o único tipo de arranjo familiar disponível na sociedade ocidental. Com a possibilidade do divórcio, houve uma ampliação dos modos de composição familiar, garantindo aos sujeitos a possibilidade de novos tipos de relação, como as famílias monoparentais, recompostas e as de acolhimento (VILHENA *et al*, 2011). É nessas novas possibilidades que a família homoparental se apresenta como um modelo no qual a formação de vínculos afetivos ocorre entre pessoas do mesmo sexo (ZAMBRANO, 2008).

O conceito de homoparentalidade é neologismo relativamente recente, datado de 1997, em Paris, que foi cunhado pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL) que elucida a situação na qual no mínimo um adulto declaradamente homossexual é (ou deseja ser) pai ou mãe de, pelo menos, uma criança. O termo homoparentalidade tem sido empregado como uma estratégia política no sentido de evidenciar uma situação cada vez mais recorrente em nossa sociedade atual. O ato de nomeação de algo até então sem nome possibilita a existência discursiva, o que por sua vez engendra uma realidade na qual é possível seu estudo, análise e problematizações (ZAMBRANO, 2008).

Amazonas *et al* (2013) problematizam a terminologia usada para denominar as realidades afetivos-sexuais que se relacionam com sujeitos homossexuais. Em relação ao uso do termo homoparentalidade, existe polêmicas que giram em torno de uma 'especificidade' no exercício da parentalidade marcado pela orientação sexual dos pais. Os autores chamam a atenção que escolher determinada denominação

implica em carregar certas justificativas e concepções. A esse respeito, embora haja controvérsia em relação ao uso do conceito de homoparentalidade, por ele vincular o exercício da homoparentalidade com a orientação sexual, bem como poder gerar distorções por salientar diferenças entre o exercício da maternidade/parentalidade, ele é o mais utilizado entre os pesquisadores(as) no Brasil (MACHIN, 2016). Essa autora ainda destaca o quanto a questão da nomeação se faz importante na medida em que ela revela classificações e definições parentais e ainda coloca o sujeito em determinadas redes de relações e categorias de pertencimento.

Mello (2005) aponta que as dificuldades de reconhecimento social da dimensão familiar das uniões homossexuais estão diretamente relacionadas com a ideologia da complementaridade dos sexos e dos gêneros, tendo em vista que as competências relativas à parentalidade parecem ser exclusivas somente de casais heterossexuais. O autor ainda afirma que no cerne dessa problemática está o embate entre uma concepção de mundo laica e outra religiosa. Além disso, complementa dizendo que as disputas entre os sujeitos sociais que carregam diferentes concepções de família acabam por desvelar embates ideológicos entre visões de mundo incluídas e excluídas.

Amazonas *et al* (2013) problematizam o quanto a homoparentalidade pode ser compreendida como uma tentativa de adequação à norma heteronormativa por parte dos sujeitos homossexuais. Além disso, o quanto o desejo de se tornarem pais/mães poderia levar ao risco de uma invisibilidade social da homossexualidade, pois os sujeitos homo orientados ao conseguirem uma parcela dos direitos que são concedidos a toda comunidade poderiam perder o seu caráter de ruptura e questionamento dos modelos binários e heteronormativos dispostos na sociedade. Esses autores argumentam o quanto após o surgimento da aids houve uma reorganização dos grupos homossexuais na busca da defesa dos direitos civis como, por exemplo, casamento gay e parentalidade. O argumento seria que mesmo havendo uma subversão no relacionamento afetivo e sexual, pois se relacionam com pessoas do mesmo sexo, tal relação seria baseada em modelos heteronormativos.

Nesse mesmo sentido, Uziel (2008) afirma que a família, tradicional pilar da sociedade, passou a ser um desejo no imaginário dos sujeitos homossexuais. E lança mão de questionamentos que surgiram a partir da crescente vontade de pessoas do mesmo sexo em terem família: mudança nas pessoas, adequação a padrões que ditam a 'normalidade', conquista no direito de escolha, possibilidade de afirmar o desejo de ter um filho com aquele/aquela que ama. A autora aponta que não há respostas definitivas e corretas e que há entendimentos plurais.

E no que diz respeito aos modos plurais de compreensão houve um substancial crescimento da popularidade nos meios de comunicação tanto das questões da homoparentalidade quanto de família, bem como das temáticas da diversidade sexual, gênero e sexualidade na produção de livros de literatura infantil nas últimas décadas (SILVEIRA; KAERCHER, 2013). Consideramos que a literatura infantil é artefato

cultural na medida em que produz certos significados, ensina algumas condutas e institui e indica modos de ser menino, menina, homens e mulheres, a forma ‘adequada’ de se vivenciar a sexualidade, feminilidade e masculinidade (XAVIER FILHA, 2014). Ainda conforme essa autora, compreender a literatura infantil e os livros como artefatos culturais significa assumir que eles propagam pedagogias e que ao analisá-los de forma integral é possível questionar conceitos e promover a autorreflexão dos leitores e leitoras.

Silveira (1997) comenta que em meados dos anos de 1970 houve uma guinada no modo como estas obras eram pensadas, no sentido de que os autores passaram a romper cada vez mais com padrões conservadores e moralistas – que se relacionavam com a adequação das crianças aos padrões sociais vigentes – para a produção de livros que versavam com temáticas que se ligavam à educação como, por exemplo, a valorização da criatividade, da independência e da emoção infantil.

A partir desse rompimento com padrões tradicionais, é possível perceber o que Silveira e Kaercher (2013) problematizam quando afirmam o quanto a literatura para crianças esteve relacionada com fins de cunho formativo e pedagógico ao longo do tempo, e que recentemente tem se aproximado de temas que emergem das atuais conjunturas sociais. Nesse sentido, somente nas últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI que a literatura infantil tem tratado de temas como preconceitos contra diferentes, desigualdades sociais, separação dos pais, problemas familiares entre outros. Embora o debate sobre o preconceito contra alguns diferentes já circule com mais facilidade entre tais livros – índios, negros, velhos e deficientes – outros tipos de diferentes como, por exemplo, os homossexuais, somente atualmente têm estado entre os temas abordados pela literatura para crianças. E vale salientar que a presença da temática homossexual é bastante rara.

Silveira (2003) enfatiza que mesmo as obras em literatura infantil que não pretendam alguma ação pedagogizante possuem uma ideologia demonstrada na forma como são escolhidos os personagens, suas características, seus conflitos, comportamentos e atitudes. Kirchof *et al* (2013) apontam que recentemente os livros para as crianças têm sido perpassados pelo viés do ‘politicamente correto’, o que significa dizer que as obras destinadas às crianças têm servido como veículo para circulação de informações, para o enraizamento de regras morais e de prescrições de como agir frente a esta ou aquela diferença - o que tem se configurado como a nova roupagem da ligação entre um caráter pedagógico e moralista e a literatura infantil.

2 | PARA QUE?

O presente trabalho buscou analisar como a família homoparental é construída no livro de literatura infantil “Tenho dois Papais”. Especificamente, buscou-se compreender: a) quais as alocações sobre homossexualidade, como são caracterizados

os personagens, qual o modelo de masculinidade reproduzido; b) como a família é descrita e ilustrada, como as relações amorosas/afetivas entre os dois pais são ilustradas, que tipo de comportamento é caracteristicamente adotado pelos pais; c) quem fala nesse livro de literatura infantil, que discursos são priorizados e quais são silenciados acerca da diversidade sexual.

3 | MAS, COMO?

O modo de análise se inspirou nos trabalhos de Silveira (1997; 2003), Silveira e Kearcher (2013) e Pires (2009). Assim, para analisar a história foram necessárias leituras constantes do livro. As primeiras leituras tiveram como objetivo a aproximação do enredo, no sentido de conhecer, de saber quais e quem eram os personagens, quais as tramas dispostas e quais os desfechos do livro. Nesses contatos iniciais, alguns diálogos e imagens já “saltavam aos olhos” como numa espécie de estranhamento. A partir da aproximação e reflexão de conceitos como o de família e homoparentalidade, o enredo do livro parecia ficar cada vez mais cheio de elementos que poderiam ser passíveis de análises. Salienciamos que a análise realizada teve como foco tanto os discursos representados por meio da escrita quanto os dispostos em imagens. Ao longo da análise, discutiremos trechos que compõem o enredo do livro a partir de alguns conceitos que se relacionam a com a diversidade sexual, gênero, homoparentalidade e escola.

Tenho dois papais, de Bela Bordeaux (BORDEAUX, 2015), conta a estória de um garotinho que foi adotado quando ainda era um bebê por Léo e Beto. O enredo elenca situações que podem ser consideradas como cotidianas de uma família como, por exemplo, a refeição matinal, a ida para a escola, a prática de esportes. A escolha deste livro se deu pela pertinência de sua temática, pela riqueza de seu enredo e pela ausência de análises sobre o mesmo na literatura da área, o que pode potencialmente contribuir para o enriquecimento do debate sobre homoparentalidade na literatura infantil.

4 | ERA UMA VEZ UM LIVRO...

A narrativa inicia-se pela voz do garoto contando que ele reside em um prédio com varanda, que possui um carro amarelo e uma estante cheia de livros. Em seguida, ele faz a afirmação “Vivemos muito bem, nós três, juntos.”. Ilustrando tal afirmação segue-se o desenho do garotinho com dois homens. A nomeação de elementos banais como a cor do carro, o lugar da moradia e, logo em seguida, contar ao leitor de que tipo de família se fala parece querer garantir a trivialidade dessa informação. Em outras palavras, a proposta é de pensar essa formação familiar como qualquer outra

possível. Entendemos tal fato como uma estratégia para garantir que o grupo familiar seja legitimado como mais uma possibilidade entre tantas outras.

Queremos destacar que a caracterização dos personagens (brancos, usando camisas polo, sendo jornalista e engenheiro ou arquiteto) e a composição do ambiente familiar não descrevem uma família qualquer, mas uma que representa um tipo específico, a saber: branca, jovem e que parece ser de classe média intelectualizada, o que sugere relativa normatização. Relativa pelo fato de o trecho propor a quebra de um paradigma que seria a da família heterossexual como única possibilidade, no entanto, a escolha dos elementos que formam essa família ainda remete ao quadro da família tradicional burguesa. Tais elementos podem ser percebidos, por exemplo, por meio da 'estante cheia de livros', e pela caracterização dos personagens do livro, sendo que o casal homossexual é composto por dois homens brancos e com aparência de aproximadamente trinta anos de idade, dada a jovialidade do rosto e das vestimentas, bem como a cor do cabelo.

Louro (2007) faz uma discussão acerca de que os indivíduos são, ao mesmo tempo, homens ou mulheres, de certa etnia, classe, sexualidade, nacionalidade; professam ou não uma crença religiosa ou de um partido político. Essas diversas identidades não podem ser compreendidas como algo a ser somado ou agregado, ou seja, o sujeito não pode ser como constituído por camadas. É preciso perceber que essa multiplicidade se interfere mutuamente, se articula; se contradiz e se opõe; por fim, pode garantir ao sujeito a ocupação de lugares diferentes. Tal compreensão nos leva a entender que os sujeitos são formados por múltiplas identidades e que essas são parciais e não unitárias, o que provoca um desmoronamento da visão de um sujeito como uma identidade explicativa universal. Nesse sentido, o livro combina elementos que remetem à composição familiar heterossexual ao mesmo tempo em que garantem a hegemonia da família formada por pessoas brancas de classe média e esses elementos compondo uma família homoparental. Tais elementos evidenciam a complexidade da tarefa de analisar a composição das identidades do sujeito.

Na cena em que o garotinho, que é o narrador do enredo, apresenta a sua moradia, o automóvel que a família possui, a estante cheia de livros e quando ele usa a expressão 'muito bem' para descrever como ele e os pais vivem está associada com a ilustração que se caracteriza pela imagem dos três personagens numa espécie de abraço com um sorriso estampado no rosto como se esperassem uma fotografia a ser tirada. Essa imagem se contrapõe e questiona as preocupações de setores conservadores da sociedade que temem um ambiente familiar não favorável e respeitoso para crianças que compõe famílias homoparentais, mas ao mesmo tempo reitera os valores burgueses sobre o que seria viver bem e quem deve viver bem.

A esse respeito, salientamos que existe um crescente afastamento do ideal da família baseado no estereótipo de um instinto materno feminino cuidador e o pai masculino provedor. Isso se deve ao fato de que tanto o feminino quanto o masculino constituem-se cada vez mais na relação com o outro que fortalece a noção do gênero

socialmente formado em detrimento de uma naturalidade e predisposição inata. Ou seja, em relação à imagem descrita se reforça a ideia de que homens podem ser cuidadores de criança, a despeito de certas normas de gênero.

Entendendo a família homoparental como um tipo de família que se distancia do estereótipo da mulher cuidadora e do homem provedor, Butler (2003 apud VILHENA *et al* 2011) questiona o termo homoparentalidade - que nomeia as famílias formadas por homossexuais -, pois tal termo se insere dentro de uma lógica binária na qual a família homossexual é pensada a partir de uma referência diretamente oposta à heterossexual. O problema dessa lógica binária é que ela concebe os sujeitos e suas identidades como estáticas e naturalizadas. Mais uma vez, o enredo traz aspectos contraditórios, pois de um lado lança mão da estratégia de mostrar que uma criança pode estar bem em um contexto familiar homossexual, no entanto, usa meios que se remetem a uma família nuclear burguesa e heterossexual. Em relação aos meios que são utilizados, eles estão relacionados aos elementos que configuram essa família, como, por exemplo, os pais serem brancos, eles terem carro e uma estante cheia de livros.. Entendemos que não há ingenuidade na escolha dos elementos e nem na ordem que eles são dispostos no enredo. A menção de que os dois homens adotaram e são pais do garotinho se faz somente após uma caracterização financeira, bem como profissional dos dois homens. A sequência dos elementos parece querer garantir um tipo de sensibilização gradual, pois primeiro apresenta-se o que a família possui para depois dizer que família é.

Nesse sentido, para não compactuar com práticas identitárias que atuam conforme normas sociais hegemônicas, a família será compreendida como um constructo social, na qual nenhum arranjo será tomado como única possibilidade. Butler (2003) afirma que a família atualmente passa por um processo de desinstitucionalização, no sentido de estar tornando-se cada vez mais uma realidade privada, diminuindo assim o seu significado público. É nessa desinstitucionalização que a conjugalidade e parentalidade homossexual ganham espaço, pois o parentesco não se desdobrará na formação de estruturas, mas precisará ser tomado e analisado como uma prática realizada em si mesma.

Sequencialmente, o garoto conta que Beto desenha casas e que Leo é jornalista. As ocupações dos pais do garoto corroboram para a afirmação feita anteriormente acerca do tipo de família que o enredo está tratando: é uma formação familiar que tem estreita relação com uma elite intelectual. A informação das profissões dos homens ainda se dá antes de dizer ao leitor que eles são pais do garoto, o que também acreditamos ser uma estratégia para legitimar a família homoparental.

Após apresentar os pais, o garotinho prossegue dizendo que foi adotado quando ainda era um bebê. Vilhena *et al.*(2011) pontuam que os filhos de homossexuais podem ser crianças oriundas de relacionamentos heterossexuais anteriores, criação de crianças que chegam espontaneamente em suas vidas, tecnologias de reprodução assistida, combinações de filhos com amigos gays e lésbicas e adoção.

No tocante à adoção que é temática do enredo, é interessante destacar que a adoção legal por homossexuais é geralmente buscada individualmente. O medo de ter o pedido negado pelo casal homossexual é a justificativa para que se busque a adoção por vias individuais. A lei brasileira permite a adoção por solteiros maiores de 18 anos e o impedimento por parte do Estado fica à mercê tanto da avaliação técnica (psicológica e social), quanto da declaração ou não da homossexualidade do requisitante. Caso haja declaração da homossexualidade do requisitante pode haver por parte dos operadores e juízes preocupações quanto ao desenvolvimento da criança (ZAMBRANO, 2008).

Zambrano (2008) ainda afirma que a adoção tem passado por um processo de transformação ao longo do tempo. De instituição de filiação, na qual se adotava alguém com o objetivo de situar o sujeito dentro de uma família para a sucessão genealógica, para uma instituição de família na qual os indivíduos fazem parte de uma família para que receba cuidados e amor. Medeiros (2006) enfatiza que nas famílias homoparentais há um maior realce para o aspecto social do parentesco, tendo em vista que as relações de parentesco podem se configurar a partir de relações afetivas e sociais, e não exclusivamente por vias da biologia.

O garotinho continua sua contação com a afirmação 'Eu tenho dois papais'. Diz também que ainda é filho único, mas que não vê problemas em tal fato por entender que assim recebe toda atenção e amor dos pais. Além disso, conta que eles, toda manhã, comem cereal juntos e que Beto o leva para escola e depois Leo joga futebol com ele.

Por meio da fala do garotinho, percebemos que a questão que interessa para ele não é o fato de ter dois homens como pais, mas o fato de que com eles pode ter uma relação cotidiana onde há cuidado e afetos. Ao dizer sobre esses fatos do dia a dia, ele elenca aspectos importantes na criação de uma criança que tem a ver com afeto, promoção de um lar saudável, suprimento de necessidades básicas como alimentação e educação.

A enumeração desses elementos que compõem o cotidiano dessa família também parece remeter a um esforço da autora do livro em garantir a legitimidade da imagem de dois gays que conseguem oferecer cuidados a uma criança. Tal fato parece relacionar-se com uma preocupação em responder aos mitos e preconceitos que circulam no imaginário social. Nesse sentido, Vilhena *et al.* (2011) apontam que o que realmente importa na constituição dos relacionamentos entre pais e filhos não deve ser atravessado pela orientação sexual dos pais.

Ainda a respeito da adoção, existe uma maior facilidade para as mulheres, pelo fato de em nossa sociedade a maternidade ser considerada como natural, em relação aos homens, quando desejam adotar uma criança na condição de estarem sozinhos, sem que a orientação sexual seja um quesito a ser avaliado. Para os homens, o direito à paternidade acontece regido pela conjugalidade (VILHENA *et al.*, 2011). Concordamos com a contribuição desses autores acerca do papel da conjugalidade, e

gostaríamos de acrescentar que a adoção para homens se vê com mais entraves por também estarmos regidos, em nossa sociedade, por normas de gênero que designam o homem como maior responsável pelos provimentos financeiros da família e não pelos aspectos relacionados ao cuidado da casa e das crianças.

Na sequência do enredo, o garotinho afirma que tem dois pais de verdade. A expressão 'de verdade' ganha destaque por estar impressa de maneira diversa em comparação ao restante da frase. Lemos a afirmação da criança a partir de uma lente relacionada à implicação de ambos os pais em seu cuidado. A expressão 'de verdade' ganha e/ou expressa um caráter de legitimidade ao lugar dos pais como iguais no desempenho de sua parentalidade. Aliado a isso, o menino os descreve como ora legais e ora bravos, podendo se constatar que a expressão em destaque diz respeito tanto ao aspecto de serem pais quanto ao de serem homens implicados em seu cuidado.

A esse respeito, Zambrano (2008) constata que na literatura existe um maior número de estudos que se debruçam a pensar sobre a homoparentalidade por parte das mulheres em detrimento da dos gays. Ela explica que esse fato não está exclusivamente relacionado com um maior desejo por parte das mulheres e nem por um avanço nas tecnologias de reprodução, mas tem relação estreita com as questões de gênero que circulam no imaginário social. É socialmente estabelecido que a masculinidade não garante que os homens sejam bons cuidadores enquanto que a feminilidade das mulheres seria um dom natural para tal função.

Estudos antropológicos salientam o quanto as representações sociais da parentalidade materna estão vinculadas com o feminino. Em outras palavras, é como se a mulher tivesse uma capacidade inata de prover os cuidados cotidianos somente pelo fato de ser mulher. Nesse sentido, a parentalidade masculina é colocada em xeque pelo fato de o homem não apresentar essa capacidade inata.

Zambrano (2008) percebeu que no que concerne ao exercício das funções maternas e paternas elas são exercidas de acordo com a preferência de cada um, não existindo assim, nos casais homossexuais, uma rigidez nos papéis de gênero: feminino para quem exerce uma função considerada materna e masculino para funções ditas paternas. O que pode acontecer é que um tenha mais autoridade sobre a criança e ser considerado como verdadeiro pai pelo fato de ser o pai biológico ou por ser o pai adotante. Tal fato pode levar o companheiro do pai ou o segundo pai a estar em um lugar mais relacionado com os cuidados domésticos, o que geralmente é entendido como função maternal não pelo fato desse segundo pai ser mais feminino. Nesse sentido, a constatação da autora vai ao encontro do que é proposto no enredo do livro, pois a divisão dos cuidados e das tarefas não apresenta uma rigidez e parece estar regida conforme as características de cada um pois. Na continuação da história de *Tenho dois papais*, o garotinho conta que Leo confere seu dever de casa e que Beto lava as roupas. Anteriormente, ele conta que Leo joga futebol com ele e Beto o leva para a escola. O garoto também conta que quando ele se machuca os dois pais se

incumbem do cuidado.

O desfecho do enredo começa a se dar quando o garoto anuncia que na escola, às vezes, os colegas acham estranho o fato de ele ter dois pais e que de imediato ele responde que os dois são tudo para ele. A estranheza dos colegas da escola remete ao fato de quanto as famílias homoparentais ocupam um lugar excêntrico, não pelo fato de não existirem, mas por serem silenciadas e negligenciadas.

Mello *et al.* (2009) abordam uma nova modalidade de preconceito e discriminação que envolve sujeitos homossexuais, mas que tem como alvo as crianças em idade escolar que são filhos de tais sujeitos. Os autores/as afirmam que essas crianças têm se tornado um número crescente de alunos e alunas nas escolas brasileiras, mas que essas famílias ainda são praticamente invisíveis. Por medo de atitudes violentas e preconceituosas, em muitos casos, há a orientação dos próprios pais/mães de que as crianças não revelem a colegas, professores e demais funcionários da escola a composição não convencional de sua família.

Mello *et al.* (2009) salientam que a partir das grandes transformações sociais que ocorreram na modernidade, os sujeitos passaram a entender que a família continua sendo um componente básico da vida social, no entanto, puderam compreender que mesmo dentro de uma mesma sociedade estariam disponíveis inúmeros modelos familiares e não mais somente um único tipo para todos.

Queremos também trazer para o debate a presença da escola como elemento constituinte polêmico e, muitas vezes, estigmatizador do cotidiano das crianças com pais homossexuais. Felipe e Bello (2009) afirmam que, de forma geral, a escola é um ambiente em que a homossexualidade é ocultada e apenas se fala dela (e quando se fala) a partir do surgimento de problemas visíveis. O silenciamento acerca da sexualidade é comum nas escolas, principalmente na Educação Infantil, em que circula o temor de quanto mais se falar haverá um encorajamento da curiosidade e do exercício de práticas.

Junqueira (2012) observa que o cotidiano escolar é atravessado por situações e procedimentos pedagógicos e curriculares significativamente relacionados a processos sociais que produzem e/ou reforçam diferenças, divergências e clivagens sociais. Ainda conforme o autor, o processo de construção histórica da escola brasileira pautou-se quase que exclusivamente em pressupostos que compreendiam o 'outro' (percebido como estranho, inferior, criminoso, pecador, doente) como um sujeito que não se alinhava com o referencial do homem, adulto, branco, heterossexual, burguês e "normal", mental e fisicamente. A escola configura-se, então, como espaço em que diferentes preconceitos se instauram e se desdobram na manifestação de discriminações como, por exemplo, classismo, racismo, sexismo, homofobia, heterossexismo e outras maneiras de gestão das fronteiras de normalidade.

Seffner (2013) discute que há uma seletividade em qual diferença a escola irá incluir, pois quando há uma associação entre diversidade e inclusão relacionados a gênero e sexualidade o debate é ainda mais problemático. Segundo o autor, uma coisa

é incluir e aceitar a diferença de uma criança com alguma deficiência física ou mental, pois apesar dos desafios à aprendizagem já é consenso que esses sujeitos devem ser incluídos porque eles não são ‘culpados’ das características que os diferencia.

Um ponto interessante é que o garoto não se silencia ao ser perguntado sobre a sua família e conta que tem dois pais diferentemente do que acontece com grande parte das crianças oriundas de famílias homoparentais (MELLO et al, 2009). Mello *et al.* (2009) afirmam que quando a família decide contar ao corpo escolar a sua constituição homoparental não tem como garantia compreensão e acolhimento imediato, podendo ocorrer situações de exclusão de atividades escolares da família e dos alunos sob a falsa alegação de estar protegendo-lhes de ações preconceituosas por parte das outras famílias.

O livro *Tenho dois papais*, de maneira geral, pode ser considerado um enredo simples, mas que aborda elementos delicados e problemáticos acerca da temática que envolve a homoparentalidade. A complexidade reside no fato de que o enredo parece estar, na maior parte do tempo, configurando a família homoparental nos moldes da família normativa, a heterossexual.

Além disso, há uma tentativa de garantir a ‘normalidade’ da família homoparental, sendo tal fato percebido na escolha dos elementos que compõem o cotidiano, bem como a caracterização dos personagens. Apesar de lançar mão de uma estratégia que visa garantir à família homoparental um lugar possível, isso é feito por meio da tentativa de adequação às normas sociais hegemônicas, o que pode gerar efeitos de submissão e preconceito. O desafio parece se dar no sentido de pensar e analisar a família com pais gays de maneira diversa, que garanta seu caráter de experiência singular e que transpõe os limites da universalidade preconizados pela heteronormatividade.

O projeto de legitimar uma normalidade, preconizada pelos mecanismos da heteronormatividade, pode ser fator que não contribui para a desconstrução dos padrões, pelo contrário, pode servir para a naturalização de um modelo de família homoparental o que pode gerar a marginalização e estigmatização de famílias composta por homossexuais. Como exemplo da tentativa de normatização, o enredo não revela o nome da criança, mas sim o dos dois pais, Leo e Beto, o que pode parecer um mero detalhe, mas nessa análise lemos esse fato como uma estratégia pela qual qualquer criança caberia numa família com as características da preconizada no livro.

O enredo também busca propor o quanto homens podem estar implicados no cuidado de crianças promovendo seu ‘adequado’ desenvolvimento. A esse respeito, o livro permite uma reflexão acerca da desconstrução das normas de gênero a qual todos os sujeitos estão submetidos. No entanto, não há uma discussão profunda acerca desses elementos somente há a menção de alguns aspectos que podem conduzir nessa direção.

5 | A “TRADICIONAL FAMÍLIA GAY”: A FAMÍLIA HOMOPARENTAL EM UM MODELO HETERONORMATIVO

Compreendemos que o livro analisado neste artigo está comprometido com determinados valores e visões de mundo, de sujeito e mais especificamente de família. Logo no título, ao se proporem a contar ao leitor o tipo de configuração familiar que se encontrará – uma composta por dois pais – já denota que a concepção de família não é aquela regida pelos aspectos da família tradicional burguesa, na qual a unidade familiar é formada a partir da união do homem e da mulher com o objetivo da procriação. Apesar de entendermos que o livro em seu título já provoca um questionamento, de maneira geral, o enredo lança mão de mecanismos para a criação do que podemos chamar de ‘família tradicional gay’, na qual há um engendramento sutil e implícito de referências e características que sustentam a certa ‘normalidade’.

Acerca de como os homossexuais são representados, notamos que existe um critério similar ao que rege as características de uma normalidade hegemônica, com exceção do relacionamento afetivo/sexual, pois os personagens são homens, brancos e pertencentes à classe média. Tal fato significa que o discurso sobre a diversidade sexual veiculado na trama da obra é o discurso higienista que escolhe características que seriam mais passíveis de aceitação no crivo da normalidade. Entendemos que a maneira como os homossexuais são representados nos livros atravessa a forma como as famílias serão caracterizadas.

A presença da escola revela o quanto tal instituição é regida por valores e diretrizes preconceituosos e heteronormativos que se desdobram nos chamados armários para as famílias (MELLO; GROSSI; UZIEL, 2009). Tais armários relegam às famílias homoparentais um lugar de silêncio e inexistência e colocam as crianças em lugares de exclusão, pois suas famílias não são representadas nas diversas atividades escolares.

O livro apesar de lançar mão de questionamentos de conceitos que foram naturalizados ao longo do processo histórico como, por exemplo, família e parentalidade, utilizam de estratégias de cunho normalizador. Tais estratégias aparecem na escolha das características dos personagens que compõem os diferentes enredos. A parentalidade é garantida por meio exclusivamente de um relacionamento estável, ou seja, os enredos mostram um ideal de família que é sustentado por um casamento monogâmico atravessado pelo conceito do amor romântico. Utilizando tais recursos, os livros parecem querer garantir a aproximação da família homoparental a um status de normalidade. Concordamos com Silveira e Kaercher (2013) que analisaram de maneira mais geral livros com a temática da diversidade sexual, quando afirmam que esses enredos se debruçam na tarefa de explicar as relações entre homossexuais e as suas formações familiares como numa espécie de didatismo formativo pelo qual explanam e buscam garantir a normalidade dessas famílias.

REFERÊNCIAS

- AMAZONAS, M. C. L. A.; VERISSÍMO, H. V.; LOURENÇO, G. O. **A adoção de crianças por gays.** *Psicologia & Sociedade*, v.25, n.3, p.631-64, ago. 2013.
- BORDEAUX, B. **Tenho dois papais** (Trabalho de conclusão de curso). Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FILHA, C. X. **Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância.** *Educar em revista*, Edição Especial v.1, p.153-159, maio 2014.
- FELIPE, J.; BELLO, A. T. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação infantil. In R. D. Junqueira (Org). **Diversidade Sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009. p. 141-158.
- JUNQUEIRA, R. D. **A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar.** *Revista Educação On-line PUC- Rio*, v.10, p.64-83, 2012.
- JURADO, T. **Produções imaginativas sobre a homoparentalidade por meio de narrativas interativas.** Dissertação de mestrado, PUC- Campinas, Campinas, 2013.
- KIRCHOF, E. R.; BONIN, I. T.; SILVEIRA, R. M. H. **Apresentação Literatura infantil e diferenças.** *Educação & Realidade*, v.38, n.4, p.1045-1052, out./dez. 2013.
- LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”.** In: G. L. Louro & J. Felipe & S. V. Goellner (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo.** Petrópolis: Vozes, 2007. p. 41-52.
- MACHIN, R. **Homoparentalidade e adoção: (re) afirmando seu lugar como família.** *Psicologia & Sociedade*, v.28, n.2, p. 350-359, ago. 2016,
- MEDEIROS, C. P. (2006). **“Uma família de mulheres”:** Ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo. *Estudos Feministas* v.14, n.2, p. 535-547, maio/ago. 2006.
- MELLO, L. **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MELLO, L. **Familismo (Anti)Homossexual e regulação da cidadania no Brasil.** *Estudos Feministas*, v.14, n.2, p.497-508, maio/ago. 2006.
- MELLO, L.; GROSSI, M.; UZIEL, A. P. **A escola e @s filh@s de lésbicas e gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil.** In R. D. Junqueira (Org). **Diversidade Sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009. p. 159-182.
- PIRES, S. M. F. **Amor romântico na literatura infantil: uma questão de gênero.** *Educar*, v.35, p.81-94, jul. 2009.
- RODRIGUEZ, B. C.; GOMES, I. C. **Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade.** *Boletim de Psicologia*, v.62, n.136, p.29-36, jun. 2012.
- SANTOS, Y. G. S.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. **Homoparentalidade Masculina:**

revisando a produção científica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.26, n.3, p.572-582, jul. 2013.

SEFFNER, F. **Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar**. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v.39, n.1, p.145-159, jan./mar. 2013.

SILVEIRA, R. M. H. **“Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida”:** representações da professora na literatura infantil. **Educação & Realidade**, v.22, n.2, p.147-161, 1997.

SILVEIRA, R. M. H. **Nas tramas da literatura infantil: Olhares sobre personagens “diferentes”**. [s.l.:s.n.], 2003 Disponível em : < http://pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/Literatura_InfantoJuvenil_Aprendizagem/bloco8/nas%20tramas%20da%20literatura%20infantil.pdf>. Acesso em : 14 jun. 2017.

SILVEIRA, R. M. H.; KEARCHER, G. E. S. da. **Dois papais, duas mães: novas famílias na literatura infantil**. **Educação & Realidade**, v.38, n.4, p.1191-1206, out./dez. 2013.

UZIEL, A. P. **Conjugalidade, parentalidade e homossexualidade: rimas possíveis**. In: Conselho Federal de Psicologia (CFP) **Adoção: um direito de todos e todas**. Brasília, DF: CFP, 2008. p. 17-21.

VILHENA, J. de.; SOUZA, A. C. B. de.; UZIEL, A. P.; ZAMORA, M. H.; NOVAES, J. V. **Que família? Provocações a partir da homoparentalidade**. **Revista Mal-estar e subjetividade** v.11, n.4, p.1639-1658, dez. 2011.

ZAMBRANO, E. **“Nós também somos família”:** Estudos sobre a parentalidade homossexual, travesti e transexual. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SOBRE O ORGANIZADOR

Juliano Del Gobo - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 2017. Formação em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano, em Curitiba, no ano de 2017. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (2008) e Especialização em Metodologia de Ensino Superior pelo Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (2012). Atua como professor assistente nas Faculdades Cescage (cursos de Psicologia e Fisioterapia). Atuou como psicólogo na política pública de Assistência Social (Proteção Social Especial), entre 2011 e 2013, e na política pública de saúde (Atenção Psicossocial), entre 2013 e 2015. Atualmente ocupa o cargo de psicólogo no Escritório Regional da Secretaria da Família e Desenvolvimento Social, em Ponta Grossa, sendo técnico de referência para Proteção Social Especial de média complexidade e para o Sistema de Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes. Como pesquisador, tem trabalhos publicados na área de políticas públicas, saúde coletiva, sociologia da saúde, psicologia: ciência e profissão, reforma psiquiátrica, sistema único de assistência social, práticas integrativas e complementares.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-016-2



9 788572 470162